

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
25 de Setembro de 2021  
O CINEMA DE VICHY – A FRANÇA OCUPADA (1940-44)

## LA NUIT FANTASTIQUE / 1942

*Um filme de Marcel L'Herbier*

*Argumento:* Louis Chavance; adaptação de Marcel L'Herbier e Maurice Henry; diálogos de Henri Jeanson / *Imagem* (35 mm, preto & branco, formato 1x37): Pierre Montazel / *Efeitos especiais:* Tournassou / *Cenários:* René Moulaert / *Figurinos:* não identificado / *Música:* Maurice Thiriez / *Montagem:* Suzanne Catelain, Émilienne Nelissen / *Som:* Maurice Carrouet / *Interpretação:* Fernand Gravey (*Denis*), Micheline Presle (*Irène*), Saturnin Fabre (*o Professor Thalès*), Jean Parédès (*Cadet, o noivo de Irène*), Marcel Lévesque (*Dr. Le Tellier*), Christiane Néré (*Nina*), Michel Vitold (*Boris*), Charles Granval (*Adalbert, o cego*), Bernard Blier (*Lucien*), Marguerite Ducouré (*a vendedora no mercado*), Paul Frankeur (*o dono do café*) e outros.  
*Produção:* Union Technique Cinématographique / *Cópia:* do Institut de France (Paris), 35 mm, versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 90 minutos / *Estreia mundial:* 10 de Julho de 1942 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

Marcel L'Herbier foi uma figura proeminente do cinema francês do período mudo, quando realizou diversos filmes ambiciosos, ainda que por vezes pretensiosos, de que sobressaem dois títulos: **L'Inhumaine**, uma extravagância chique, destinada a promover um novo estilo que viria se chamar Art Déco (o filme é de 1924 e foi feito como uma antecipação da Exposição de Artes Decorativas de 1925 quando o novo e elegantíssimo estilo de mobiliário e objetos foi oficialmente lançado) e **L'Argent**, um filme magnífico, que escapa aos excessos do esteta de luvas brancas que era L'Herbier por abordar a ascensão e queda de um especulador na Bolsa, transpondo para os anos 20 um romance Émile Zola. Com a chegada do som o cinema se tornou mais prosaico e L'Herbier declarou certa vez que depois de dez anos, 1918 a 1928, em que fazia “os filmes que queria da maneira como desejava”, teve dez anos “de falta de liberdade e falta de sorte, onde só me couberam jogos sem honra”.

Seja como for, **La Nuit Fantastique** é um filme com bastante ambição artística e os excessos *autoristas* dos críticos e historiadores do cinema, sobretudo os europeus, fizeram e ainda fazem com que este filme seja apontado como um dos melhores a terem sido produzidos durante o período da Ocupação em França, devido ao renome que L'Herbier granjeara quando fazia os filmes que queria da maneira como desejava. O argumento de Louis Chavance (que também escreveu o de **Le Corbeau**) é muito bem concebido, mas a relativa pobreza dos meios postos à disposição do realizador, mesmo comparados aos de outros filmes franceses daquele terrível período, prejudicam um pouco o resultado final. Vinte anos depois dos seus filmes mudos, L'Herbier permanecera fiel às suas antigas ideias. No plano de abertura, em que vemos o protagonista adormecido num grande entreposto de um mercado de comida, o espectador pode pensar que o filme está sendo projetado fora de foco, mas trata-se na verdade de um efeito artístico para sublinhar que o homem, um estudante de filosofia, vive nos seus sonhos e ideias, longe da prosaica realidade. L'Herbier utilizara o mesmo efeito num dos seus filmes do período mudo, **Eldorado**, de 1921, o que causara espécie ao produtor Léon Gaumont quando este viu o filme numa sessão privada com o realizador. Conta Jaque-Catelain, protagonista do filme e futuro realizador, que estava presente: “no final da primeira sequência do baile, bruscamente as imagens de **Eldorado** se deformam. Um desfocado progressivo e ilimitado invade a tela, significando a alma ausente da heroína. Gaumont dá um salto na cadeira e manda parar

a projeção. Pensa que o projetor está mal ajustado e prepara-se para despedir o projecionista. Foi preciso que, com muito jeito, L'Herbier lhe explicasse que esta heresia técnica é voluntária, para um efeito psicológico, etc.". Cem anos depois desta cena, o sofisticado espectador de uma cinemateca pode ter a mesma reação (exceto o despedimento do projecionista) que o pouco delicado fundador da Gaumont...

O argumento de **La Nuit Fantastique**, que poderia ter interessado a um René Clair ou talvez mesmo a um Jean Cocteau, é dividido em três partes à maneira clássica: começa no chamado mundo real, entra a seguir no mundo do sonho e no desenlace tudo volta à realidade, porém misturada ao sonho, pois o homem reencontra a protagonista do seu sonho, a mulher por quem está apaixonado. O sonho se parece à realidade (um crime é meticulosamente elaborado, os acontecimentos não são enigmáticos, são lógicos e não ilógicos) e a realidade se parece ao sonho (o homem re/encontra em carne e osso a mulher que até então fora uma fantasia). Realidade e sonho se misturam de modo inseparável. O "sentido" da aventura que ele vive está contido no livro que traz do outro mundo, o mundo dos sonhos e que se intitula *A Chave dos Sonhos*, pois o sentido dos sonhos recorrentes do protagonista é o seu desejo por aquela mulher.

Há poucas situações mais difíceis de serem filmadas do que sonhos e alucinações, a não ser em passagens breves. L'Herbier consegue resolver este problema ao optar por um certo prosaísmo na parte central do filme, sem desfocados, *ralentis*, sobreposições, imagens em marcha atrás e outros efeitos que fazem a beleza dos *trance films* da vanguarda clássica, mas podem prejudicar um filme de duração longa que conta uma história com começo, meio e fim. A entrada do homem no mundo do sonho (na sequência de abertura vemos-lo dormir, mas não vemos imagens daquilo que ele está a sonhar) é feita por aquela que talvez seja a melhor ideia visual do filme (os efeitos especiais são assinados por um tal Tournassou, o que é certamente um pseudônimo, quem sabe um *private joke*): uma diminuta imagem da mulher sai da cabeça do homem, cresce e ele se põe a segui-la. Aqui, o mundo do sonho é como um espelho não deformante do mundo real. Neste filme que tem alguma dificuldade em alçar voo, não faltam prazeres cinéfilos, embora relativamente menores: a presença de um grande e deliberado cabotino como Saturnin Fabre (Claude Chabrol dizia com ironia que ele fora o modelo do General de Gaulle para as suas alocações na televisão "e por isso *De Gaulle foi o primeiro político a «passar» bem na pequena tela*"...) e sobretudo a presença da muito jovem Micheline Presle, com apenas vinte anos, a quem L'Herbier poupa os ares de sirigaita esganiçada de tantos personagens femininos do cinema francês do período. Delicada e irônica, é em torno dela que se organiza a trama narrativa e ela é, sem dúvida, um dos principais pontos de atração em **La Nuit Fantastique** para o espectador de hoje.

Antonio Rodrigues